

A Força Vital do Silêncio

Maurice Maeterlinck Cita Thomas Carlyle



“O silêncio e o segredo!”, diz Carlyle. “Altars de adoração universal poderiam ser erguidos para eles (se ainda estivéssemos em uma época de construção de altars). O silêncio é o elemento dentro do qual se formam as grandes coisas, para que elas finalmente possam emergir, perfeitas e majestosas, à luz da vida que irão dominar. (...)”

Ao contrário da definição feita pelos franceses, com frequência a fala não é a arte de esconder o Pensamento, mas, sim, a arte de imobilizá-lo e de suspendê-lo, até que já não haja mais nada a esconder.

A fala também é grande, mas não é a coisa maior que existe. A inscrição suíça afirma: ‘*A fala é de prata, o silêncio é de ouro*’; ou, como eu preferiria dizer, a Fala pertence ao Tempo, e o Silêncio faz parte da Eternidade.”

[Traduzido do volume “The Treasure of the Humble” de Maurice Maeterlinck, Dodd, Mead and Company, Publishers, Nova Iorque. Sem indicação de data, o livro foi publicado provavelmente na década de 1940 e tem 241 pp. Ver pp. 19-20.]

000

Ideia Para Anotar na Agenda

Há algo que não convém esquecer jamais. Em todas as situações, o que plantamos é mais importante do que aquilo que podemos colher.

000

A Dieta Que Respeita a Vida



Os estudos sobre os benefícios da alimentação vegetariana para a saúde dos seres humanos e o equilíbrio do planeta são cada vez mais numerosos. A ciência começa, ainda que lentamente, a ir ao encontro da sabedoria universal também neste aspecto.

Muitos seguem o regime alimentar vegetariano como forma de fortalecer a vitalidade. Alguns terapeutas das medicinas alternativas, como a naturopatia, defendem a ideia de que o consumo de carne implica assimilar as emoções do animal. Para eles a agressividade do ser humano aumenta com o consumo de produtos animais. Ao comer um bife, o indivíduo ingere não só proteínas mas um conjunto de hormônios e outras substâncias que escapam ao olhar. A adrenalina que o animal produz enquanto sofre estresse e morte violenta é um exemplo. Quando ingerimos alimentos, ingerimos emoções. Vendo como a maior parte dos alimentos é produzida hoje em dia podemos constatar que as emoções que “ingerimos” nem sempre são as mais saudáveis.

Ao longo da história da humanidade o vegetarianismo tem sido defendido pelos sábios. “Ísis Sem Véu” diz o seguinte:

“Zeller afirma que Xenócrates proibia o consumo de carne animal, não porque ele visse nos animais alguma semelhança com o homem, já que lhes atribuía uma pálida consciência de Deus, mas ‘pela razão contrária, por temer que a irracionalidade das almas animais assim pudesse obter uma certa influência sobre nós’. Mas acreditamos que foi antes porque, como Pitágoras, ele teve os sábios hindus por mestres e por modelos. Cícero mostra-nos Xenócrates desdenhando de tudo, salvo da virtude superior; e descreve a pureza e a severa austeridade de seu caráter. ‘Nosso problema é libertar-nos da sujeição da vida dos sentidos, e vencer os elementos titânicos de nossa natureza terrena por meio da natureza divina’. Zeller fá-lo dizer: ‘Mesmo nos desejos secretos de nosso coração, a pureza é o maior dever, e apenas a filosofia e a iniciação nos mistérios nos permitem atingir tal objetivo’.” [1]

Optar pelo vegetarianismo é acima tudo uma questão de ética. À medida que o contato com a alma imortal é fortalecido surge o respeito pela vida. Massacrar animais para satisfação do

paladar ou como forma de canalizar a energia destrutiva deixa de fazer qualquer sentido. Podemos ler no texto “A Ética da Alimentação Vegetariana”:

“O surgimento de novas teorias alimentares, que nos levam a abandonar o hábito de matar animais para comer carne, é uma das grandes bênçãos que hoje se derramam sobre o difícil caminho da humanidade. Pode ser um dos fatores fundamentais para eliminar a violência de dentro e de fora do indivíduo humano.” [2]

Criar animais para o consumo humano é uma contradição. Como se pode cuidar e tratar os animais para depois os matar e comer? Alguns podem alegar que os animais são sacrificados para que o homem tenha o que comer e possa cumprir seu propósito. Mas esse ritual é uma traição à própria vida, um comportamento que demonstra apenas a ignorância humana e não sua “superioridade” em relação aos animais. Cuidar dos animais, dar-lhes abrigo, em alguns casos afeto, alimentá-los e depois matá-los demonstra o lado mais sombrio da humanidade, um lado sádico que nem os animais parecem ter. Ser “superior” a eles é acima de tudo respeitá-los e cumprir o dever de os proteger e os auxiliar no caminho evolutivo. Helena Blavatsky escreveu:

“...A natureza *física*, a grande combinação de correlações físicas de forças que avançam em direção à perfeição (...) modela e remodela enquanto prossegue e, terminando a sua obra no homem, apresenta-o apenas como um tabernáculo apropriado ao obscurecimento do espírito Divino. Mas este não dá ao homem o direito de vida e de morte sobre os animais inferiores a ele, na escala da *natureza*, ou o direito de os torturar. Exatamente o contrário. Além de ser dotado de uma alma - que qualquer animal, e mesmo qualquer planta, também possui mais ou menos -, o homem tem uma alma imortal *racional*, ou *nous*, que deveria torná-lo pelo menos igual em magnanimidade ao elefante, que caminha cuidadosamente para não esmagar os animais mais frágeis do que ele.” [3]

A alimentação física reflete a nutrição que damos ao eu interior. A forma como tratamos os outros seres espelha o trato que damos à alma. E Paracelso ensinou:

“O homem come e bebe dos elementos, para o sustento do seu sangue e da sua carne, mas dos astros vêm o sustento do intelecto e os pensamentos de sua alma.” [4]

Reconhecendo a dimensão divina da vida e dando à alma o alimento correto surgem o respeito e a compreensão. Assim a paz e a benevolência passam a ser realidades concretas.

(Joana Maria Pinho)

NOTAS:

[1] “Ísis Sem Véu”, de Helena P. Blavatsky, Ed. Pensamento, SP, Vol. I, 341 pp., p. 79.

[2] Do texto “A Ética da Alimentação Vegetariana”, de Carlos Cardoso Aveline, disponível em nossos websites associados.

[3] Da obra “Ísis Sem Véu”, de Helena P. Blavatsky, Ed. Pensamento, Vol. III, 301 pp., p. 244.

[4] Palavras citadas no texto “Paracelso e o Livro da Natureza”, de Carlos Cardoso Aveline. Veja-o em nossos websites.

O Oceano de Pensamentos



Nossas mentes não existem como entidades isoladas. Elas funcionam como barcos no vasto Oceano de pensamentos e sentimentos, alguns dos quais são nobres, outros não tanto.

À medida que viaja em direção à sua meta, a mente individual precisa adaptar-se e reagir às mutáveis condições meteorológicas do mundo mental, tais como “pressão atmosférica”, “ventos”, “temperatura”, e também às “correntes marítimas”.

Aquele que está no timão da sua mente deve ser vigilante para não ser arrastado pelas mudanças externas. E quando um grupo de mentes se reúne e coopera, a ajuda mútua faz com que os resultados sejam melhores.

000

O Uso dos Poderes da Mente

“...O futuro da evolução humana é tão sagrado quanto o seu passado. A humanidade tem uma longa e bela aprendizagem pela frente. Os sábios e iogues com poderes extraordinários são mestres. São precursores. Eles vão na frente. Eles abrem caminho para que o resto da população expanda mais rapidamente sua consciência. Nesta caminhada, toda habilidade de manipular sutilmente energias materiais e semi-materiais é um fato desprezível em si mesmo, e leva a verdadeiros desastres cármicos, a menos que esteja a serviço de metas rigorosamente altruístas e impessoais.

[Do artigo “Os Poderes Latentes da Consciência”, de C. C. Aveline, que pode ser encontrado em nossos websites associados.]

000

A Visão Correta



Não é por acaso que a vasta obra “A Doutrina Secreta”, de Helena P. Blavatsky, gira em torno de dois pequenos conjuntos de versos orientais de extrema beleza interior.

A religiosidade profunda é poética. A maior parte dos clássicos da sabedoria eterna - incluindo “A Voz do Silêncio” - expressa a harmonia rítmica e transcendente da vida.

As escrituras sagradas e mitologias de quase todos os povos exemplificam o fato. É correto, portanto, dizer que a vida cósmica e a vida individual pertencem ao reino da poesia, embora também o transcendam e incluam outras linguagens.

[Veja em nossos websites associados a tradução gradual de “A Doutrina Secreta”, livre de adulterações e feita a partir do seu original autêntico de 1888.]

000

Evitando a Armadilha da Mediunidade

Segundo a filosofia esotérica, a mediunidade e a perda da independência devem ser evitadas a todo custo, mas elas não ocorrem apenas em sessões espíritas. Os perigos da passividade psíquica diante de forças sutis pouco recomendáveis são enormes em qualquer ambiente “espiritual” que estimule nas pessoas uma obediência cega.

Para evitar esta dominação paralisante, uma pedagogia espiritual eficaz deve estimular no aprendiz o desenvolvimento de uma vontade individual ativa, unida a um desejo de agir corretamente, e a uma decisão de ser individualmente responsável pelos seus pensamentos, palavras e ações.

[Joaquim Soares, no artigo “Blavatsky Comenta a Mediunidade”. O texto está disponível em nossos websites.]

* ...Isso eu sei: que quando um homem tirou do seu coração todo desejo de algo para si mesmo, quando deixou de ter expectativas ou exigências e espera dos outros apenas aquilo que lhe seja dado livremente, quando deixou de alimentar suspeitas e reclamações e já não se preocupa com refutar qualquer crítica feita a seu respeito, então ele pode compreender os princípios da harmonia em sua própria alma, e da sua alma se irradiam para todos uma paz e uma sinfonia. Outros podem não escutar, mas a sua única meta é assegurar que a palavra dita por ele seja a palavra correta. Os outros podem não perceber o sentimento generoso que movimenta a sua alma; podem não ver os sinais que identificam alguém livre do desejo, e da raiva, e da autodefesa. Mas o seu propósito claro e constante os abençoará de qualquer modo. A sua firme benevolência, embora irrite a parte pior dos outros, algum dia estimulará a parte melhor e um rumo mais correto será adotado, do qual a verdadeira vida dele é um testemunho. (pp. 162-163)

* Deves pensar firmemente nos sofrimentos dos seres humanos da terra. Isso te levará inteiro através dos cinco véus das esferas intermediárias. Teu coração deve estar ancorado com firmeza na devoção, para aliviar os sofrimentos dos seres humanos da terra. Isso possibilitará aos deuses do alto mandar alimento para os homens e as mulheres da terra. Firmemente deve a tua mente permanecer concentrada no que é imortal, em meio às coisas não-duráveis. Deste modo encontrarás o caminho de volta para a comunidade dos deuses, deixando para trás a esfera escura da Terra. [*E o discípulo responde:*] Eu assumo o compromisso solene de prestar o serviço mais elevado possível aos homens da Terra. (p. 114)

* Todos os mundos estão unidos por um elo. O caminho comum a eles, que sobe e desce, é o trajeto da Peregrinação. Quem segue o caminho do serviço altruísta entra no trajeto ascendente. Ele é íngreme e avança morro acima o tempo todo. No começo a satisfação que ele dá é como um veneno, mas no fim é como as águas da vida, porque ele avança na direção do conhecimento dos três mundos. O caminho começa como um serviço prestado sem recompensa. Se há perseverança, ele leva a um serviço altruísta cuja recompensa são palavras. Havendo persistência, ele leva a um serviço altruísta recompensado pela gratidão daqueles que não necessitam de serviço algum. Se a perseverança prosseguir, o trabalho altruísta - acompanhado da gratidão daqueles que não necessitam de serviço algum - leva a um sentimento de devoção por aqueles que agradecem. Esta devoção e mais trabalho altruísta levam ao local do compromisso solene. A partir de então, se o peregrino perseverar, o trabalho feito por todos os seres humanos a partir de um sentimento de gratidão e devoção por aqueles que sustentam os três mundos sem qualquer ideia de recompensa o levará ao final do caminho, que é a bênção da Emancipação. (p. 69)

* O Ser não pode ser encontrado fora do ser [1]. Mas o ser humano sensato vê o Ser em seu próprio interior. Como uma criança, como um sábio, ele enxerga o Ser em todas as coisas e todas as coisas no Ser. Não há religião fora deste princípio. (p. 120)

*...Só um tolo coloca sua fé e confiança em *personalidades*, por mais próximas e agradáveis que pareçam. Será possível que você leve em conta apenas uma máscara, ao invés do ser humano em si, e em lugar da Alma, que abandona cada máscara para assumir outra? A natureza humana [em seus aspectos externos] não merece confiança: os Sábios de todas as idades sabem disso. (p. 152)

NOTA:

[1] Isto é: o eu superior, ou alma imortal, cuja substância é a mesma substância do universo, não pode ser encontrado fora do eu inferior. (CCA)

Trabalhando Pelo Despertar O Eu Espiritual Está Presente em Todos



As metáforas ajudam a compreender os ensinamentos. Quem está pronto para assimilar a verdade tem nas metáforas uma ponte de apoio que conduz à percepção.

São vários os textos em nossos websites que falam sobre a dinâmica dos grupos de estudantes que compartilham o ideal do autoaperfeiçoamento humano e da solidariedade. [1]

No texto “Um Por Todos e Todos Por Um” o processo de aprendizado coletivo é explicado nos seus aspectos ocultos usando a imagem de um instrumento de cordas indiano - Vina -, e o conceito de música da alma universal.

O artigo “Escrita Sânscrita Reflete a Consciência” é outro texto que nos ajuda a compreender a relação entre companheiros de caminhada. Neste artigo a consciência humana é comparada ao sânscrito. Carlos escreveu:

“Quando olhamos uma frase escrita em sânscrito, percebemos no alto uma linha horizontal unindo as letras de cada palavra. Elas ficam penduradas, como se letras fossem roupas lavadas secando ao vento.

“A linha superior simboliza a continuidade quase inalterável da consciência imortal de cada ser humano. Embora este nível de Ser esteja em grande parte adormecido no cidadão médio da humanidade atual, ele é a fonte e o alicerce invisível das operações cotidianas da consciência.

“Desta linha vibratória divina descem as diferentes letras, símbolo das percepções provisórias e percíveis do eu inferior. As emoções e os pensamentos que habitam a alma mortal são versões precárias da percepção ininterrupta que flui no plano do eu superior.” [2]

É nos planos superiores da consciência que encontramos a paz e a motivação necessárias para fazer do dia-a-dia um instrumento a serviço do despertar da humanidade. Apesar dos desafios que possam surgir nas camadas mais densas da vida, os níveis elevados da consciência garantem a substância que permite vencer as dificuldades através da aprendizagem e da perseverança. O texto “Escrita Sânscrita Reflete a Consciência” diz:

“A relação entre companheiros de caminhada teosófica é semelhante à escrita sânscrita. Há um contraste entre a dimensão celestial e a dimensão terrestre, nas relações entre seres humanos unidos pelo trabalho altruísta. Na interação dos eus inferiores, ocorrem uma amizade e uma colaboração imperfeitas, mas aperfeiçoáveis. Ao lado da percepção da unidade, são inevitáveis a distinção e o contraste criativo. No plano inferior das ‘palavras’ registradas no Livro da Vida, tudo é probatório, e o sentimento e o pensamento humanos devem ser constantemente corrigidos. No plano superior, a afinidade entre os colegas de caminhada flui sem as limitações do mundo externo.[3] É esta harmonia transcendente que sustenta de dentro para fora as diferentes formas de amor e cooperação entre seres humanos sinceros.” [4]

Apesar da imperfeição sempre é possível melhorar. O aperfeiçoamento humano surge da libertação do egoísmo e liberdade implica um contato cada vez mais consciente e estável com o eu superior.

Reconhecendo o eu espiritual em todos os seres e estimulando neles o melhor, fortalecemos a unidade entre aqueles que buscam vivenciar a verdade e criamos condições para o aperfeiçoamento nos planos inferiores da existência. Dessa forma, um grupo de estudantes foca sua força criativa naquilo que realmente faz diferença e escreve no livro da vida com uma sabedoria crescente.

(JMP)

NOTAS:

[1] Veja por exemplo os textos “O Muro Que Protege a Humanidade”, “Quatro Ideias Para Um Poder Solidário”, “A Sala de Espelhos”, “Três Frentes de Ação”, “Eficiência no Trabalho em Grupo” e “Um Segredo do Trabalho Teosófico”, de C. C. Aveline.

[2] Do texto “Escrita Sânscrita Reflete a Consciência”, de Carlos Cardoso Aveline.

[3] Veja a propósito o texto “Um Por Todos e Todos por Um”, que está disponível em nossos websites.

[4] Do artigo “Escrita Sânscrita Reflete a Consciência”.

000

“Melhorando Sempre”, “Um Por Todos e Todos por Um” e “Antes de Desejar, Faça por Merecer”. Estes são três lemas da loja luso-brasileira da Loja Unida de Teosofistas.

000

Em sua Autobiografia, o líder indiano Mohandas Gandhi escreveu sobre um amigo seu, chamado Raychandbhai, que era conhecido como *Shatavadhani* ou “alguém que tem a capacidade de lembrar ou prestar atenção a cem coisas ao mesmo tempo”.

Raychandbhai levava uma intensa vida profissional envolvendo grandes somas de dinheiro enquanto mantinha uma atitude contemplativa diante deste e de outros aspectos da vida ao longo do dia.

“As decisões comerciais de Raychandbhai envolviam centenas de milhares”, escreveu Gandhi. “Ele era um profundo conhecedor de pérolas e diamantes. Nenhum problema de negócios era demasiado difícil para ele. Mas todas estas coisas estavam fora do centro em torno do qual a sua vida girava.” O centro da vida dele era a meditação na presença divina. Tendo uma memória prodigiosa, Raychandbhai fascinava Gandhi por seu “enorme conhecimento das escrituras, seu caráter sem manchas, e sua paixão ardente pela autorrealização.” [1]

Garrigues tinha uma capacidade semelhante em relação a fatores aparentemente contraditórios como sabedoria universal e decisões sobre dinheiro, ou memória do plano físico e contemplação profunda. Ele ajudou na construção da Loja Unida de Teosofistas tanto nos seus aspectos externos como na sua estrutura interna.

JW escreve:

“Garrigues era um gênio em questões financeiras. Sua especialidade era analisar a situação de empresas falidas (ou quase) e dizer o que devia ser feito. Ele financiou a parte oeste do prédio da Loja Unida em Los Angeles do seu bolso particular. Ele também faliu mais de uma vez no processo de levantar dinheiro para a LUT.”

O testemunho prossegue:

“John tinha uma memória fotográfica. Lembrava perfeitamente qualquer coisa que já tivesse lido alguma vez, inclusive ‘A Doutrina Secreta’. Suas palestras eram fascinantes. Costumava pegar uma passagem muito difícil da D.S. (de memória), e quando terminava sua explicação com muitos níveis de pontos de vista, mesmo as pessoas mais simples sentiam que haviam compreendido o que a passagem dizia.”

A aparência pessoal é outro assunto em que Garrigues mostrava uma habilidade de combinar os aspectos internos e externos da realidade. JW escreve:

“Quando a loja [da LUT] começou, ele sempre usava fraque formal com caudas (versão clássica do smoking). Depois de muitos anos ele adotou um smoking informal. Mesmo quando eu ingressei, em 1963, eles ainda usavam casacos pretos. Agora eles são totalmente informais!” Quanto a meios de transporte, “ele começou usando uma limousine com chofer, depois passou gradualmente para um carro normal com motorista, e nos anos finais ia para a loja com outros teosofistas.”

Um Advogado em 90 Dias

Garrigues estava disposto a enfrentar desafios na vida profissional, conforme JW informa:

“Em certa ocasião ele abriu um processo judicial contra uns cristãos fanáticos que estavam tirando dinheiro de uma companhia petrolífera para os seus esforços missionários. Em certo momento do processo ele pediu para ver os livros da contabilidade. Ele tinha uma capacidade tremenda de conhecer a situação de uma companhia simplesmente olhando a sua contabilidade. O juiz recusou o pedido. Alegou que ele não era um advogado e que só conselheiros legais tinham o direito de examinar evidências. Ele pediu um adiamento de 90 dias e voltou à Corte com o título de advogado. Seu filho disse que foi difícil viver com ele durante aqueles 90 dias, porque ele estudava livros de direito mesmo quando estava fazendo a barba!”

A vida é probatória. A publicação em 1925 do livro de JG “*The Theosophical Movement - 1875-1925*” foi um sucesso, mas a Sociedade Teosófica de Adyar não gostou daquele relato franco sobre a traição e a lealdade na história do movimento teosófico. JW escreve:

“Quando a S.T. de Adyar ameaçou processar a editora que publicou ‘*The Theosophical Movement - 1875-1925*’, Garrigues escreveu ao editor E.P. Dutton garantindo que o livro era autêntico e tinha dados para comprovar cada uma das suas páginas. A Sociedade Teosófica desistiu do processo judicial.”

Na década de 1930, outro desafio surgiu quando um grupo começou a usar indevidamente o nome da LUT e a sua Declaração. JW informa que Garrigues “começou um processo judicial em defesa da LUT e venceu, mas durante o processo alguém perguntou a quem pertencia a LUT, e Garrigues foi registrado como seu proprietário.”

O episódio é narrado na revista “Theosophy”:

“No início de 1937, dois indivíduos que haviam assinado cartões de associados da Loja Unida de Teosofistas registraram de acordo com as leis da Califórnia uma organização chamada ‘*A Loja Unida de Teosofistas, Ltda.*’. Além desta distorção do propósito original da associação não formalizada que Robert Crosbie fundara em 1909, estas pessoas adotaram a ‘Declaração’ da L.U.T. e o formulário através do qual cada membro da L.U.T. se torna um associado registrado. Para proteger o nome da Loja Unida de Teosofistas e impedir a distorção perante o público dos seus ideais, seus objetivos, seu método e ensinamento, foi promovido por parte de um grupo de estudantes da L.U.T. um processo contra a corporação e os seus dirigentes. Depois de numerosas postergações (...), a sentença foi dada a conhecer dia 25 de março de 1938.”

A sentença dizia:

“Os requerentes merecem um julgamento contrário aos requeridos e que estes últimos e cada um deles estejam permanentemente intimados e para sempre impedidos de usar o nome ‘Loja Unida de Teosofistas’.....” [2]

B. P. Wadia Era um Irmão para Garrigues

Quanto à vida de família, JW escreveu:

“Não se sabe muito sobre a sua vida externa. Muitos dos seus parentes passaram a fazer parte gradualmente da loja, incluindo o seu irmão (que era um grande orador em São Francisco), sua irmã e outros. Ele era casado e tinha um filho.”

A sabedoria de Garrigues era percebida por outros teosofistas e o relato feito por JW em 2005 informa:

“O sr. B.P. Wadia, depois que voltou para a Índia, costumava insistir com veemência que John era um dos que SABIAM. As lojas indianas e europeias da LUT surgiram quase todas da inspiração interior de Wadia e do seu apoio financeiro, também.”

Além de ter uma “personalidade exuberante”, Garrigues sabia como trabalhar em equipe. Em seu bem conhecido ensaio biográfico sobre B. P. Wadia, Dallas TenBroeck escreveu:

“[O sr. Wadia] costumava dizer que o John Garrigues e ele eram como dois irmãos. Um podia escrever a primeira parte de um artigo e o outro concluir o texto, sem que a diferença fosse percebida. Ou podiam dividir a tarefa de escrever uma série de artigos, redigindo alternadamente.” [3]

NOTAS:

[1] “An Autobiography, or the Story of My Experiments with Truth”, M. K. Gandhi, Penguin Books, 1982, Part II, Chapter 1, pp. 92-93.

[2] “Theosophy” magazine, Los Angeles, May 1938, pp. 335-336.

[3] “B.P. Wadia, a Life of Service to Mankind”, de Dallas TenBroeck, artigo publicado em www.FilosofiaEsoterica.com, www.TheosophyOnline.com, www.HelenaBlavatsky.org e www.Esoteric-Philosophy.com. Veja os parágrafos sob o subtítulo “1922-1927”.

A Construção do Templo



Parte superior de um templo construído na rocha

Aqueles que estudam e vivenciam a teosofia são comparados na literatura teosófica a construtores. O estudante que se esforça por aprender e agir com altruísmo dá os primeiros passos na arte da construção sagrada. Helena Blavatsky escreveu em “Ísis Sem Véu”:

“Em todos os países do Oriente, onde quer que a magia e a religião-sabedoria seja estudada, seus praticantes e estudiosos são conhecidos por Construtores - pois eles constroem o templo do conhecimento, da ciência secreta. Os adeptos ativos são chamados de Construtores

operativos, ao passo que os estudantes, ou neófitos, são denominados *especulativos* ou teóricos. Os primeiros exemplificam em obras o seu controle sobre as forças da natureza inanimada e animada; os outros estão se aperfeiçoando nos rudimentos da ciência sagrada.”[1]

E John Garrigues define os teosofistas como construtores:

“Todo verdadeiro teosofista trabalha na construção das defesas externas do Templo da Verdade, que foi erguido pelos esforços de gerações incontáveis de Adeptos. É uma tarefa elevada. Ela exige do trabalhador cuidado e habilidade ao colocar cada tijolo firmemente no lugar adequado. (...) O número de tijolos que cada trabalhador é capaz de colocar depende da sua qualificação diante da lei do carma; mas, se nos libertarmos da ansiedade e da irritação que surgem da pressa, teremos ao nosso alcance a possibilidade de fazer tudo o que somos capazes de fazer - seja pouco ou muito -; e de construir para os séculos que virão.” [2]

Em teosofia a quantidade pouco importa. O que faz realmente diferença é a qualidade da intenção, do esforço e das ações.

(JMP)

NOTAS:

[1] Da obra “Ísis Sem Véu”, de Helena P. Blavatsky, Ed. Pensamento, SP, Vol. IV, 287 pp., p. 40.

[2] Do texto “Deixando a Pressa de Lado”, de John Garrigues, que está disponível em nossos websites.

Duas Perguntas e um Comentário **Sobre a Trilha Estreita, Íngreme, Morro Acima**

Estudante:

Por que motivo o caminho da sabedoria precisa ser íngreme, estreito e desafiador? Afinal, se a sabedoria é boa e eterna, e se ela diz respeito ao Nirvana e à bem-aventurança, o caminho não deveria ser agradável?

Pesquisador:

O caminho é incômodo porque, apesar das luminosas intenções conscientes, um aspecto da nossa consciência quer avançar para o futuro, e outro aspecto da nossa consciência se apegando ao passado. Este conflito de interesses da nossa parte gera desconforto. Queremos voar sem sair do chão. Pretendemos avançar pelo caminho sem afastar-nos do ponto em que estamos, chegar ao futuro sem abrir mão dos hábitos do passado, e alcançar a sabedoria sem deixar de lado a ignorância.

A dificuldade é inevitável. De nada adianta adotar uma postura de vítima e lamentar-se diante das ondas probatórias que educam nosso eu inferior com a dureza necessária. O sofrimento é

produzido pelo nosso próprio apego à cegueira espiritual. Nosso eu superior não sofre. Ele é feito de bênção e bem-aventurança. A alma espiritual é a origem e o destino do nosso eu inferior. Somos uma projeção passageira de Atma-Buddhi no mundo mental e no mundo externo; devemos aprender a refletir corretamente a Mônada que orienta nossa existência em cada uma das nossas encarnações.

Ideias ao Longo do Caminho

Uma Sintonia Diária Com o Que é Sagrado



- * Cada momento de plena atenção é uma experiência revolucionária. A vigilância derrota a rotina e revela a potencialidade infinita da vida.
- * A alegria de viver não necessita de motivos externos para ser forte e estável: ela resulta do contato espontâneo com a alma espiritual, e a lei do universo.
- * Há vários modos de estar onde queremos. Através das páginas de bons livros podemos viajar aos lugares mais interessantes do espaço e do tempo, e ouvir as almas sábias de todas as épocas.
- * Os corredores do Carma têm limites laterais cuja substância é feita de hábitos. O estudante deve criar padrões corretos de ações repetitivas e atitudes em sua vida, para que os corredores do carma o levem até a bênção e a sabedoria.
- * Não há favores pessoais nos planos superiores do caminho espiritual. O caminho é regido pela Lei. Toda bênção recebida do alto deve ser, portanto, um resultado natural do nosso mérito, ou não terá validade.
- * Vencer é relativamente fácil. Todo mundo faz isso de vez em quando, merecidamente ou não. O importante é consolidar a vitória. O valioso é perceber a vitória a todo momento, em cada tarefa bem feita, em cada gesto sincero.

- * A visão correta do detalhe permite compreender o todo. A visão adequada do todo permite ver o detalhe. O círculo está presente no ponto, assim como o ponto está presente no círculo. E a cada novo olhar, percebemos um pouco melhor a realidade.
- * O centro de paz no silêncio da consciência determina a qualidade e o ritmo de pensamentos, emoções, ações e percepções profundas. Quanto mais amplo e profundo for o contato com este centro, mais significativa será a nossa presença no mundo ao nosso redor.
- * Em teosofia, não é impossível ser visitado por uma espécie de relâmpago espiritual. Numa pausa meditativa no meio do esforço altruísta, uma felicidade abissal pode vir até você sem palavras e transformar a sua vida em uma fração de segundo. E esta é uma experiência diante da qual você não deve permitir que surja qualquer apego.
- * A plenitude interior transcende o som. A luz da unidade e da amizade universal brilha desde o coração humano sem necessidade de palavras. Miguel de Molinos escreveu que as palavras podem então ser abandonadas, do mesmo modo que um navio é deixado de lado quando chegamos ao porto de destino.
- * Administrar situações de modo responsável e criativo pode ser mais importante que a natureza das situações em si. Em muitos casos, os fatos da nossa vida fazem menos diferença que as nossas decisões sobre como atuar diante deles. Construir o futuro é uma tarefa central. O momento presente não só contém o passado mas constitui a matéria-prima com a qual podemos fazer algo melhor.
- * O exagero ameaça a durabilidade do esforço feito. A ação de intensidade moderada permite que trabalhem no presente sem esquecer do futuro. A calma caracteriza as ações duráveis e eficazes.
- * Nenhum trabalho, por mais nobre que seja, deve suprimir o descanso necessário para que ele se renove e se desdobre em uma perspectiva de longo prazo. A quantidade certa de silêncio, e de humildade, ajuda a moderação a acontecer.
- * A mente é a espada zen e teosófica que corta ilusões, principalmente as nossas próprias. O discernimento em relação às coisas da vida e do movimento esotérico deve ser obtido gradualmente. Qualquer “instantaneidade” é maiávida.
- * Pouco a pouco o estudante passa a ver o que é verdadeiro e o que é falso, quem fica do lado da busca da verdade e quem opta pela arte de fazer poses, insiste no faz-de-conta e sorri como os sepulcros caiados sorriem.
- * Ninguém pode esclarecer o peregrino sobre a verdade e a ilusão. Ele terá que compreender por si mesmo a topografia da vida.
- * Uma severidade impessoal é necessária diante da falsidade, mas cabe ter mais compaixão do que raiva diante dos fingidores. Eles esqueceram que a sinceridade é uma bênção, e podem superar este erro através do exemplo dado por quem se desapega das ilusões.
- * Não sejamos ingênuos ou desinformados: não há motivo para cair no sonho materialista.

